

Editoras universitárias: experiências do livro impresso ao digital¹

Maíra de Oliveira ALVES²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este é um estudo preliminar para a pesquisa que se pretende desenvolver sobre as editoras universitárias em tempos de livro digital, seus desafios, suas dificuldades e perspectivas. A partir de um apanhado sucinto das origens das universidades e dos livros e, em seguida, das editoras universitárias, busca-se entender um pouco o caso brasileiro em sua complexidade, e as diferenças e especificidades de uma editora universitária para outra desde seu aparecimento. Outro aspecto abordado é o contexto de surgimento do livro eletrônico, visando pensar como isso se combina com a situação das editoras universitárias atualmente. A principal questão que move o trabalho é a relação entre essa nova tecnologia e a possibilidade de relação com a democratização do acesso ao conhecimento e aos livros universitários.

Palavras-chave: editoras universitárias; e-book; livro digital; produção editorial.

Introdução

Ao longo da história editorial diversas mudanças tecnológicas – desde os tabletes de argila, passando por rolos de papiro, códices, seguidos da prensa de Gutenberg até as grandes transformações dos dias de hoje – reafirmam a importância cultural do livro na sociedade. Ao mesmo tempo, fazem pensar sobre as transformações nas formas de ler e as possibilidades de ampliação do acesso à informação.

As editoras universitárias têm papel relevante na produção de livros acadêmicos e na difusão do conhecimento produzido nas universidades. Nesse sentido, as recentes transformações tecnológicas e o crescente interesse pelos e-books e seus impactos na produção dessas editoras são o objeto principal deste estudo. Com o cuidado de não cair no saudosismo, mas também sem resvalar no ufanismo que anuncia o fim do livro impresso, procura-se aprofundar o conhecimento sobre o tema para verificar se os e-books podem contribuir com a democratização do acesso, sobretudo a conteúdos de interesses universitários.

Este texto é parte de uma pesquisa teórica e empírica em desenvolvimento. Neste primeiro momento, a revisão bibliográfica aborda temas da história das universidades, do

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj, email: maialves@gmail.com.

livro e das editoras universitárias, buscando compreender o contexto de aparecimento dos livros eletrônicos e digitais no cenário atual. Alguns dados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* e de sites de editoras universitárias ou de entrevista no YouTube ajudam a refletir sobre o cenário da produção de livros em editoras universitárias. Esta pesquisa dá início a um levantamento entre as cerca de 120 editoras associadas à Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu) para obter uma visão geral da produção com vistas a estudos de caso mais aprofundados. A intenção não é generalizar conclusões, mas buscar indícios que corroborem ou refutem a análise teórica. Como sugere Martino, “estudos de caso procuram escapar das distorções teóricas, se aproximam das condições efetivas do fenômeno, mas não podem fazer isto sem diminuir o poder de generalizações e aproveitamento das informações colhidas” (MARTINO, 2010, p. 158).

Se ao final de todo o trabalho não se pretende dar conta da complexa realidade das editoras universitárias no vasto território brasileiro em tempos de livro eletrônico, menos ainda se espera neste artigo. Nesta etapa inicial, o objetivo é simplesmente ensaiar uma parte da pesquisa bibliográfica e trazer alguns dados preliminares.

Sobre universidades, conhecimento científico e livros

As universidades como conhecemos hoje têm origem na Idade Média e são típicas da cultura ocidental: nasceram no início do século XIII, quase simultaneamente na Itália, na França e na Inglaterra – Universidades de Bolonha, Paris e Oxford, respectivamente, seguidas de Montpellier. Desde seu início, havia dois modelos de universidade, ambos muito marcados pelo caráter associativo e pela influência da Igreja. De um lado, estavam as universidades da Região Norte da Europa (Paris e Oxford), que eram associações de mestres ou federações de escolas, de forte caráter eclesiástico, cujas disciplinas dominantes eram as artes liberais e a teologia; de outro lado, as mediterrâneas, associações de estudantes com o predomínio do direito e, secundariamente, da medicina. Mesmo que um controle eclesiástico também se impusesse nesse último modelo, permanecia exterior à própria universidade (CHARLE; VERGER, 1996, p. 18-19).

Nesse contexto, pode-se notar já no princípio da criação dessas instituições, independentemente de sua natureza ou do modelo adotado, certa relação entre o ensino superior, os livros e a leitura a partir do próprio processo de ensino e aprendizagem. “O surgimento das universidades na Europa – final do século XII, início do século XIII – contribuiu para o aparecimento de um público leitor diferenciado: professores que

buscavam textos, obras de referência, comentários (...), e alunos em busca de material de estudo” (MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 333). Ou, como ressalta Leilah Bufrem (2001, p. 31), “o livro universitário está intimamente ligado ao contexto medieval e ao momento em que surgiram as primeiras *universitas*”.

Essa demanda do novo público leitor estimulou o desenvolvimento de oficinas de copistas nas universidades. Dividia-se o livro manuscrito em partes, que eram copiadas por pessoas diferentes. Tal prática, conhecida como *pecia*, possibilitou que a reprodução se tornasse mais rápida e barata, numa espécie de linha de produção rudimentar.

No século XV, com a introdução da imprensa na Europa, o processo de reprodução dos textos foi facilitado, permitindo um aumento na disponibilidade de impressos para atender a demandas crescentes. As universidades começaram então a ter as primeiras máquinas de imprimir em suas dependências, o que originaria as editoras universitárias. Em 1478, a Oxford University já tinha uma e produziu seu primeiro livro e em 1534 foi criada a Cambridge University Press (MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 334).

No Brasil a história das universidades é bastante posterior. Na época colonial houve muita resistência à fundação de universidades – principalmente por parte de Portugal, mas também de brasileiros que consideravam um caminho natural que as elites fossem cursar o ensino superior na Europa. Apesar das várias tentativas de criação da instituição, como no século XVI pelos jesuítas e com a Inconfidência Mineira em 1789, essa resistência atravessou o século XIX, quando foram criadas as primeiras escolas superiores, e persistiu ainda durante a República. As universidades brasileiras datam do início do século XX e, embora seja difícil precisar qual foi a pioneira, considera-se a Universidade do Rio de Janeiro (URJ) a primeira criada legalmente pelo governo federal em 1920 (FÁVERO, 2000, v. 1, p. 17-18).

De maneira similar à fundação das universidades, o aparecimento da imprensa no país também aconteceu tardiamente. Portugal proibiu o estabelecimento da imprensa na colônia até 1808 – ainda assim, se tem notícia da primeira impressão de um livro numa prensa doméstica em 1807, em Vila Rica, atual Ouro Preto (HALLEWELL, 2012, p. 135) –, quando a transferência de d. João para o Brasil trouxe a necessidade de um instrumento para publicar seus atos e proclamações. “Até 1822, a Impressão Régia deteve o monopólio da impressão no Rio de Janeiro” (HALLEWELL, 2012, p. 113).

Guardadas as diferenças, a relação entre universidades e livros no Brasil, de certo modo, se assemelha à das origens das universidades medievais. Lajolo e Zilberman destacam

alguns exemplos, que ilustram o aumento da demanda por livros já nas primeiras escolas superiores, antes mesmo da fundação das universidades.

Escola superior e imprensa dão-se as mãos neste primeiro momento de construção das instituições da cultura moderna – logo, da leitura – no Brasil. A Real Academia Militar, a Academia Naval e os cursos de medicina careciam de livros apropriados e abastecidos com os tratados de Legendre, Lacroix, Francoeur e outros autores, traduzidos e editados pela Impressão Régia. A inclinação a editar obras destinadas ao ensino visando atender demandas inesperadas parece ter-se incorporado à história do livro didático em circulação no país, com consequências visíveis no modo como se desenvolveram as práticas de leitura nos arredores da escola. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 128)

Origem e desenvolvimento das editoras universitárias brasileiras

Boa parte das editoras universitárias surgiu a partir das oficinas de impressão dentro das universidades. Em depoimento na Feira Internacional do Livro de Guadalajara em 1988, Edison Lima afirma que “as editoras universitárias brasileiras nasceram, quase sempre, de um pequeno serviço ou oficina de artes gráficas: a imprensa universitária. Poucas foram criadas separadamente desse serviço ou independentemente de sua existência” (LIMA, 1989, p. 13). Já Leilah Bufrem, ao admitir que algumas editoras universitárias teriam evoluído a partir da imprensa universitária, sugere que outras podem ter sido criadas de maneira diversa ou mesmo que algumas continuaram como imprensa ou gráfica por mais tempo. Isso explica, em parte, por que durante muito tempo se confundiu gráfica e editora – o que eventualmente ocorre ainda hoje.

O surgimento das editoras universitárias brasileiras, segundo Bufrem, foi uma experiência da década de 1960, tendo refluído logo após a criação das primeiras editoras em 1961 e 1962 (UnB e USP, respectivamente). O período estacionário corresponde à época de radicalização da ditadura militar, quando as publicações universitárias se restringiram aos materiais administrativos pelas imprensas e gráficas universitárias (BUFREM, 2001, p. 34).

A Editora da UFPE, no entanto, afirma ser a pioneira como tal. De acordo com o seu site, a editora, “cujo nome inicial era Imprensa Universitária, foi criada em 1955 e instalada definitivamente no ano seguinte como parte da estrutura da reitoria da então Universidade do Recife”. E, com uma pequena diferença de informação, completa que, “em 2007, completou 50 anos de existência, consolidando-se como a mais antiga editora universitária do país”.³

³ Disponível em: <http://www.ufpe.br/edufpe/index.php?option=com_content&view=article&id=80&Itemid=145>. Acesso em: 8 jul. 2014.

Assim como é difícil precisar na história das universidades qual foi a pioneira, não é simples a identificação da primeira editora universitária brasileira. Faltam critérios comuns que definam as características de uma editora universitária no momento de seu surgimento e para determinar suas diferenças em relação aos serviços gráficos simplesmente. Ficou muito a cargo das próprias “editoras universitárias” se afirmarem como tal. Na UFRJ, por exemplo, há casos de publicação de livros já em 1959, apesar de a Editora UFRJ só haver sido criada formalmente em 1986.⁴

Imprensa, gráfica ou editora universitária, no caso da Editora da UnB verifica-se uma particularidade que a distingue das outras: o nome de um intelectual do peso de Darcy Ribeiro ligado a ela, o que, de algum modo, reforçaria o argumento de pioneirismo da UnB, incluindo aí o de sua editora com projeto definido.

Entre as editoras universitárias, “a mais antiga e prestigiosa é a da Universidade de Brasília, fundada em 1961, simultaneamente com a criação da própria universidade, dentro de uma concepção moderna do ensino superior”, nos moldes do projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro para a UnB (BUFREM, 2001, p. 274).

Bufrem (2001, p. 36) afirma que, no período de autoritarismo a partir de 1964, embora algumas imprensas universitárias tenham se desenvolvido apoiadas em conselhos editoriais, outras não possuíam linha editorial ou mesmo compromisso com a universidade. Após esse impulso inicial por volta da década de 1960, não apareceram mais editoras em instituições de ensino superior entre 1963 e 1970. Nessa época, algumas editoras funcionaram mais como financiadoras da impressão de livros de editoras particulares “travestidos de 'coedições’” (CASTILHO NETO, ROSA, 2010, p. 332), como é o caso da Edusp, ficando com uma pequena parte da tiragem para vender apenas no *campus*.

Apesar da criação da Editora UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em 1971, a retomada das editoras universitárias só acontece mesmo na década de 1980, quando ocorre uma mudança em direção à definição da política editorial, do projeto de cada editora e da profissionalização, passando-se a pensar na edição como setor estratégico. Ganha corpo também um movimento por uma política geral de editoração, com importantes iniciativas em nível nacional como: o primeiro Seminário Nacional de Editoras Universitárias (Sneu) em Niterói, em 1984; a criação do Programa de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual nas Instituições de Ensino Superior (Proed); e a criação e o

⁴ Para mais detalhes, ver entrevista com Fernanda Ribeiro em minha monografia de graduação *Editoras universitárias: um estudo sobre o público e o privado com ênfase no caso da Editora UFRJ* (ECO/UFRJ, 2004).

desenvolvimento do Programa Interuniversitário de Distribuição do Livro (PIDL) (BUFREM, 2001, p. 36).

Fundada no 3º Sneu, em 1987, atualmente a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu) tem em torno de 120 editoras universitárias filiadas.⁵ Algumas importantes editoras, entre as quais Edusp, Editora UFMG e Editora da Unicamp, no entanto, anunciaram em fevereiro de 2010 a criação de outra entidade, a Liga de Editoras Universitárias (LEU).⁶ Essa divisão merece ser mais bem estudada para se compreender até que ponto se trata de diferenças sobre concepção de editora universitária e seu papel, até que ponto se deve a divergências quanto à sucessão na Abeu.

Para Marques Neto e Rosa (2010, p. 331), as editoras universitárias não deixam nada a dever às comerciais hoje em dia, tendo “tanto espaço e reconhecimento quanto as outras – há alguns anos, no entanto, provavelmente não caberia uma afirmação assim”. Apesar de ser notável a mudança no papel das editoras universitárias a partir da década de 1980, entre outros motivos pelo salto de qualidade de seus livros, algumas diferenças parecem persistir, principalmente quanto à natureza das instituições a que se ligam e seus objetivos, diante da concorrência com grandes grupos que atuam no mercado editorial, como Record, Companhia das Letras, Objetiva, entre outros.

Livros digitais e e-books – novas tecnologias, velhos dilemas

Passando um pouco adiante, chegamos ao desenvolvimento de tecnologias que deram origem a novos suportes para a escrita. A disseminação de computadores e outros dispositivos trouxe a possibilidade da leitura não somente em papel. De tudo que se lê atualmente, pode-se dizer que boa parte está no meio digital – em nossa caixa de e-mails, nos mais diversos sites, em redes sociais, jornais e revistas on-line, livros, etc.

Nesse contexto, a 3ª edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, realizada em 2011, traz elementos interessantes para análise. A questão sobre e-books e livros digitais aponta que 30% dos entrevistados já ouviram falar, enquanto 25% nunca ouviram falar mas têm interesse em conhecer e 45% nunca ouviram falar. Não se trata de uma pergunta sobre preferência por algum dos suportes, mas simplesmente sobre familiaridade. Assim o livro digital ou e-book seria uma realidade nova para os brasileiros, indicando que, de certa forma, o conceito de livro para o senso comum ainda está muito associado ao impresso. É

⁵ Ver: <http://www.abeu.org.br/EditorasAssociadas.aspx>.

⁶ Ver matéria “Editoras universitárias buscam maior público” no jornal *Folha S.Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2202201011.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

possível que isso tenha um ritmo de mudança relativamente rápido em virtude do aumento da produção desse tipo de livro pelas editoras, o que também é bastante recente e não era uma situação estabilizada em 2011, como veremos mais adiante. Dos que já tiveram acesso a livros eletrônicos ou digitais, 13% afirmam ter pagado pelo download, enquanto 87% não pagaram.

Desde o final dos anos 1990, verificam-se mudanças no mercado editorial relacionadas ao crescente processo de digitalizações. Atualmente é possível encontrar na internet inúmeros livros escaneados disponíveis para *download*. Nesse sentido, uma iniciativa merece destaque pelo seu porte e sua importância: a digitalização em massa do acervo das principais bibliotecas de pesquisa realizada pelo Google. De início, isso ocorreu apenas com títulos em domínio público, mas posteriormente incluiu obras protegidas por *copyright*. Esse enorme acervo virtual constituiria a maior biblioteca do mundo, acessível mediante assinaturas institucionais ou para o consumidor. Se por um lado parece um grande avanço na ampliação do acesso ao conhecimento, por outro, o controle de todo esse material cultural por uma única empresa suscita problemas, como observou Robert Darnton: “Bibliotecas existem para promover um bem público (...). Empresas existem para gerar lucro para seus acionistas” (DARNTON, 2010, p. 29).

Além desse processo de digitalização de livros impressos já existentes, as editoras, por sua vez, têm investido cada vez mais na produção de e-books. Tal aumento das publicações já pensadas para o formato digital deve-se ao desenvolvimento e à disseminação de dispositivos para leitura de livros eletrônicos, como e-readers, *tablets* e celulares, além dos computadores de mesa e laptops.

O incremento do mercado de livros eletrônicos, pensados como tais, parece coincidir nos Estados Unidos com o lançamento do primeiro Kindle, leitor de tinta eletrônica desenvolvido pela Amazon, em 2007. Antes já havia o Sony Reader, que, apesar de dar início ao crescimento do número de e-books no final de 2006 e em 2007, não chegou a ter o mesmo significado de seu sucessor. Os números são bastante ilustrativos: “a mesma editora que havia visto suas vendas crescendo em 50% em 2007 agora via suas vendas saltarem em 400% em 2008” (THOMPSON, 2013, p. 347). Por isso diversos autores apontam o Kindle como um divisor de águas nas vendas, consolidando o livro eletrônico.

Nessa esteira vieram o Nook, da Barnes & Nobel, em 2009; o canadense Kobo, cujo nome é um anagrama de *book*, em 2010; o iPad, da Apple, que teve sua primeira versão em 2010, seguido pelo iPad 2 em março de 2011 e mais recentemente pelo chamado tela retina

e pelo iPad mini, de tamanho semelhante ao do Kindle. Alguns outros e-readers menos conhecidos e diversos tablets com sistema Android começaram a surgir. Esses últimos, com suas várias funções à semelhança do iPad, têm conquistado a preferência dos leitores, como demonstram pesquisas de mercado (MELO; TAVARES, 2012).

No Brasil, a entrada das editoras na era digital é perceptível sobretudo a partir de 2011. No entanto, é em 2012 que a oferta ultrapassa os 16 mil títulos disponíveis em livrarias. Em seis meses foram colocados à venda mais de cinco mil novos e-books, quase 50% do total de livros oferecidos até fevereiro de 2012 (MELO; TAVARES, 2012). Atribui-se a baixa vendagem de 2011 à pequena oferta de títulos, que até então não ultrapassava a marca de sete mil em nenhuma livraria.

Apesar do crescimento do número de livros digitais no mercado, não se observa uma diminuição dos títulos publicados em papel. Ao contrário, alguns indícios demonstram que por enquanto as vendas de e-books têm sido acompanhadas pelo aumento nas vendas de livros impressos. Mesmo para os chamados “nativos digitais”, pessoas que já nasceram dentro do contexto das tecnologias digitais e têm habilidade para mexer em telas *touch* desde bebês, a oferta exclusiva de e-books não parece ser uma realidade. Em matéria da Agência Brasil de 5 de junho de 2013, por ocasião do XV Salão do Livro Infantil e Juvenil, Elizabeth Serra, secretária-geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), destacou que

o livro em papel ocupa mais espaço do que antes com o leitor juvenil, por incrível que pareça. É um período em que a mídia eletrônica se fortaleceu, mas os livros para crianças aumentaram muito mais e os autores se multiplicaram. Todas as nossas escolas públicas hoje têm livros de literatura, por compras de governo ou de projetos. Os professores se preocupam muito mais com a formação leitora das crianças (PLATONOW, 2013).

Editoras universitárias, livros digitais e e-books

O livro impresso, apesar de todas as inovações que facilitam sua produção, continua sendo um objeto caro em relação à renda da maioria dos brasileiros. Por sua produção industrial e por estar no mercado, sujeita-se às suas regras. O livro-mercadoria (valor de troca) tem um valor diferente do livro para o leitor, o livro-leitura (valor de uso). Os estudantes das universidades sempre se utilizaram muito de xerox como meio de obter os textos necessários à sua formação – tanto porque muitas vezes indica-se a leitura de apenas uma parte do livro quanto por conta dos altos preços do livro quando adotado por completo. De uns tempos para cá, é possível encontrar diversos capítulos ou livros inteiros na internet,

com frequência mais por um trabalho da pirataria que propriamente das editoras. As editoras universitárias parecem ter um papel importante nessa discussão pela sua função social e por se ancorarem no tradicional tripé ensino-pesquisa-extensão.

Existe também uma grande necessidade por parte do meio acadêmico e universitário de publicação de seus estudos e pesquisas. Atualmente mecanismos de controle da produtividade dos docentes os pressionam ainda mais nesse sentido. Diversos trabalhos importantes, no entanto, têm público bastante restrito e específico. Desse modo, os e-books podem vir a ser uma alternativa para a demanda de publicação de livros não comerciais, mas de relevância para o conhecimento, como em geral se definem as publicações de editoras universitárias. Refletir sobre a importância dos e-books num contexto de mudança tecnológica acelerada e seu papel para a democratização do acesso ao conhecimento, em especial no caso de textos universitários, é um dos objetivos principais da pesquisa que pretendo desenvolver mais adiante. Assim, inicio aqui uma rápida exploração, num exercício de selecionar, analisar para poder selecionar de novo, mais apropriadamente (BAUER; AARTS, 2002, p. 55).

Por uma espécie de observação-participante, de quem trabalha lá, sei que a Editora UFRJ ainda não tem em seu catálogo livros digitalizados nem começou a produzir e-books, embora tenha a intenção de trabalhar nessas duas frentes. As dificuldades se devem a diversos aspectos, entre eles: tempo para familiarização com as novas tecnologias (a equipe começou a estudar as maneiras de fazer e-book, os formatos, fez curso, etc.), falta de um canal eficaz de divulgação e vendas, pois o site da editora está em fase de reformulação, e questões administrativas para comercialização.

Por outro lado, por pesquisas rápidas na internet, pude perceber que a situação das editoras universitárias é bastante heterogênea e tende para uma fase de experimentação e insipiência. A Edusp, por exemplo, uma das maiores do Brasil, criada em 1961 e com Departamento Editorial próprio desde 1988, parece também não ter começado a produzir livros digitais ou e-books.⁷ A Editora da Unicamp tem cerca de cem livros eletrônicos, que são comercializados pela Livraria Saraiva. Ao clicar no *banner* “livros digitais” no lado direito do site da editora,⁸ somos imediatamente redirecionados para o site da livraria. Esses livros digitais, seguindo o que vem sendo praticado por muitas editoras comerciais, são

⁷ Não há indicação da presença de livros digitais em seu site. Ver: <http://www.edusp.com.br/index.asp>.

⁸ Ver <http://www.editora.unicamp.br>. O link para acesso direto das vendas no site da Livraria Saraiva é <http://busca.livrariasaraiva.com.br/search?p=O&lbc=saraiva&uid=203636344&ts=ajax&w=editora%20da%20unicamp&isort=score&method=and&view=grid&af=cat1%3alivrodigital>

vendidos por 30% a menos do valor do preço de capa do livro impresso, como pude comprovar pelos casos dos títulos *A ferramenta imperfeita*, de Paul Henry, *Escritos político-constitucionais*, de Condorcet, *O espelho*, de Machado de Assis, entre outros. Já a Editora da UFF tem 68 livros digitais nos formatos ePub e PDF, e em alguns casos em ambos, que são vendidos sempre por 7 reais.⁹

A Fundação Editora Unesp se destaca por uma iniciativa diferente: em parceria com a pós-graduação, criou a Coleção Progp Digital, com obras produzidas nos cursos de pós e disponibilizadas gratuitamente. No momento, há mais de duzentos títulos em PDF e ePub, contando os selos Unesp e Cultura Acadêmica, este último o segundo selo da fundação. Como vemos no texto institucional em seu site:

Esta coleção surge em função da tradicional parceria entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp – Progp – e a Fundação Editora da Unesp, ambas responsáveis pelo lançamento de centenas de títulos e novos autores da Universidade em outros programas editoriais com suporte em papel. Sintonizada com as tecnologias da textualidade eletrônica e também com a transmissão gratuita de conhecimento gerado nas pesquisas da universidade pública, a Coleção Progp Digital é também a primeira experiência da Fundação com o livro digital e será importante laboratório de novas iniciativas nesta área que conquista gradualmente seu lugar no imenso universo de possibilidades da publicação e da leitura acadêmica.¹⁰

Outra iniciativa que merece atenção nesta pesquisa preliminar é o caso da Editora da UFPE, que já começou a digitalizar livros em domínio público ou fora de catálogo. Três vídeos encontrados no YouTube trazem ricas informações sobre essa editora, embora não sejam muito acessados. Dois são uma entrevista dividida em duas partes com a diretora da editora, professora Maria José de Matos Luna, para a TV Radar UFPE em 2013.¹¹ O terceiro vídeo, publicado em agosto de 2013 e com cerca de quinhentas visualizações, ilustra o processo de digitalização com o scanner Robotic, mencionado por Luna na entrevista.

Em seu relato, a professora fala sobre política editorial, os diversos editais de publicação – que incluem livro-texto para sala de aula, teses e dissertações, traduções, série Memória, série Nordestina, um novo edital para trabalhos técnicos e estudantes da universidade, etc. –, cadeia de produção dos livros, distribuição, livros digitais, entre outros assuntos.

⁹ Ver: <http://editoradauff.com.br/82-livros-digitais>.

¹⁰ Disponível em: <http://www.culturaacademica.com.br/quem-somos.html>. Acesso em 8 jul. 2014. Ver também: <http://www.editoraunesp.com.br/institucional-quem-somos.asp>.

¹¹ Com em torno de trinta a quarenta visualizações casa, vale assistir aos vídeos por completo, pois os relatos trazem elementos bem interessantes para uma pesquisa qualitativa, mesmo que se volte a entrevistar a diretora para obter determinados detalhes. Disponíveis em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZS9gIVnfaew>> e <http://www.youtube.com/watch?v=_GF2N73rWyk>. Acesso em: 5 jul. 2014.

Em 2012 a Editora Universitária UFPE, órgão suplementar autossustentável da universidade, publicou mais de 150 títulos, superando em mais que o dobro os oitenta títulos lançados pela Cortez – uma editora de porte médio, voltada para o campo acadêmico, mas sem ligação com instituição de ensino superior, pública ou privada. Luna conta que foram lançados também com livros digitais com acesso gratuito para a comunidade universitária e extrauniversitária e que o projeto era dobrar esse número até o final de 2013, a partir da compra do scanner Robotic (ver o vídeo mencionado acima). Pelo que se nota, os livros digitais são todos escaneados, não havendo produção de ePub por enquanto. Sobre a questão da convivência ou concorrência entre livro impresso e digital, ela conta que, no caso da UFPE,

diante do livro digital, a perspectiva do livro impresso não foi desanimadora. Quanto mais você divulga livro digital, mais há uma procura pelo impresso. (...) Até o momento a experiência tem sido essa. Tanto é que nós colocamos o livro digital gratuitamente. E a experiência que nos chega é que as pessoas, quando leem o livro, elas querem ter o livro impresso para continuar com essa produção junto delas, folheando, levando para todos os lugares, enfim tendo o conhecimento proximamente, independentemente das várias mídias em que possam ler o e-book.¹²

Considerações finais

Mais do que responder, este estudo preliminar levanta questões para futura análise sobre a publicação de livros digitais por editoras universitárias. É uma exploração inicial com intuito de verificar se existe a produção desse material e, quando há, em quais formatos (ePub, PDF, entre outros) estão disponíveis. Procurar conhecer as experiências com vendas e/ou distribuição gratuita e qual é o público atingido em ambas as situações parece fundamental para pensar como as editoras universitárias se inserem no debate sobre divulgação do conhecimento científico e propriedade intelectual. Outro objetivo é conhecer quanto os livros digitais e e-books representam nas vendas, se ajudam ou atrapalham a venda de livros impressos. Assim, esses elementos podem ajudar a compreender se a tecnologia digital de alguma forma contribui para a função social da universidade, em especial pública, e para a democratização do acesso ao conhecimento.

Algumas questões ainda merecem aprofundamento, como a própria relação das editoras com as instituições das quais fazem parte, quanto isso influencia na dinâmica de produção de seus livros e vice-versa, e como essas editoras se inserem no campo dos livros

¹² Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_GF2N73rWYk. Acesso em: 15 jul. 2014.

acadêmicos, que inclui outras editoras não ligadas a universidades, mas voltadas para esse público.

Com os exemplos trazidos, percebe-se que as editoras universitárias têm maneiras de funcionamento muito específicas e variadas. Algumas já produzem livros eletrônicos pensados como tais, algumas digitalizam obras impressas, outras ainda publicam apenas em papel. Vendidos ou distribuídos gratuitamente, sem uma política comum, muitas decisões ainda estão em fase de teste junto ao público leitor. Embora o caminho e o projeto não estejam tão bem definidos mesmo nas editoras que já iniciaram sua experiência, o livro digital é um desafio para todas. Por outro lado, é novidade também para o leitor brasileiro, como aponta a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, e uma coisa influencia a outra. Entre o público dos livros universitários, em geral acima da média nos indicadores de leitura, o impacto e as transformações tendem a ser mais rápidos, confirmando a relevância da reflexão sobre as experiências e as perspectivas para as editoras universitárias.

Referências

- CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: Unesp, 1996.
- BARBIER, Frederic. **História do livro**. São Paulo: Paulistana, 2009.
- BAUER, Martin W.; Aarts, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011.
- BUFREM, Leilah Santiago. **Editoras universitárias no Brasil**: uma crítica para a reformulação da prática. São Paulo: Edusp; Com-Arte; Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de A. **Universidade do Brasil**: das origens à construção. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Inep, 2000. v. 1.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- LAJOLO, Marisa; Zilberman, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Edison R. **Editoras universitárias**: problemas e soluções (Um enfoque interamericano). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1989.

MARQUES NETO, José Castilho; ROSA, Flávia Garcia. Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia (Org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011.

MARTINO, Luiz Claudio. Panorama da pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Claudio (Org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. Livro Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010.

MELO, Eduardo; TAVARES, José Fernando (Org.). **O mercado de e-books no Brasil**: coletânea sobre mercado, produção e marketing. Simplíssimo Livros, 2012. (E-book.)

PLATONOW, Vladimir. Mercado de livros infantojuvenis em papel cresce, apesar das novas tecnologias digitais. **Agência Brasil**, 5 jun. 2013. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-06-05/mercado-de-livros-infantojuvenis-em-papel-cresce-apesar-das-novas-tecnologias-digitais>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.